



CANTOS DA RETOMADA: MÚSICA, COSMOPOLÍTICA E FORTALECIMENTO ÉTNICO NO RIO GRANDE DO NORTE

Diego Bruno Oliveira de Andrade (UFRN)

PT 05 - Etnicidade, Movimento Indígena e Antropologias Indígenas: diálogos e renovações Coordenação

Os processos de fortalecimento étnico entre os povos indígenas do Nordeste têm mobilizado dimensões territorial, ritual, linguística e cosmopolítica como elementos fundamentais de resistência e reelaboração cultural. No Rio Grande do Norte, esses movimentos assumem contornos específicos, marcados por uma história colonial de intensa e longa duração, regimes de mistura e processos de etnogênese que tensionam dicotomias clássicas como pureza/mistura, tradição/transformação e natureza/cultura (Oliveira, 1998; 1999). As práticas musicais e rituais emergem como dispositivos fundamentais de reorganização cultural, afirmação identitária e fortalecimento étnico, conectando memórias ancestrais, territorialidades e alianças com seres mais-que-humanos. O Toré, compreendido como regime encantado do índio do Nordeste (Grünwald, 2005), constitui complexo cerimonial que integra música, dança, espiritualidade e política. Entre os Potiguara do Rio Grande do Norte, o Toré opera como uma ciência do índio — conhecimento especializado que envolve cantos, rezas, defumações e manejo de substâncias como a Jurema, estabelecendo canais de comunicação com encantados, ancestrais e forças da natureza (Vieira, 2024; 2025). A presença de entidades como Caboquinha da Jurema, Passo Azulão, Mãe-Terra e o Rei Canindé evidencia o Toré como prática cosmopolítica que mobiliza presenças visíveis e invisíveis, fortalecendo a luta política e a afirmação identitária. O conceito de cosmopolítica, tal como formulado por Marisol de la Cadena (2020), designa arenas nas quais seres outros-que-humanos participam ativamente da vida pública, reconfigurando as fronteiras entre política, natureza e sociedade. Nessa perspectiva, o Toré opera



como dispositivo composicional que ativa alianças, reativa memórias e articula proteções (Vieira, 2026), conectando-se a outros sistemas simbólicos e cosmológicos. Os encantados, habitantes das matas e das águas, caracterizados pela invisibilidade, humanidade e imortalidade, são fundamentais nessa arena e emergem participando da vida pública (Vieira, 2026). Assim, o Toré se configura como prática na qual cantar, dançar, rezar e beber são gestos concretos e contínuos de manutenção de um mundo múltiplo, no qual a defesa do território e dos direitos repousa fundamentalmente na força da alegria compartilhada (Vieira, 2026). Paralelamente, a retomada linguística ganha protagonismo no Rio Grande do Norte, somando-se a essa cosmopolítica como frente de resistência e afirmação identitária. A oração bilíngue Paîé Ieruresaba (Oração do Pajé), entoada na abertura do Toré pelo Paîépyrang Rafael Mendonça Potiguara — pajé e integrante do Grupo Itamaraká —, constitui um ato político de afirmação étnica e resistência ao monolinguismo colonial. Os cantos e discursos do Paîépyrang alternam entre o tupi potiguara e português, evidenciando o caráter relacional da identidade Potiguara. Conforme argumenta João Pacheco de Oliveira (1998), essas identidades constroem-se na tensão entre continuidade e transformação, sendo resultado de processos históricos de territorialização e fluxos culturais em que os grupos indígenas atuam como agentes ativos, selecionando e reinterpretando elementos de outras tradições em seus próprios sistemas cosmológicos. A alternância linguística nos cantos do Toré e nas canções do Grupo Itamaraká não expressa perda cultural, mas habilidade política de circular entre diferentes regimes de comunicação, reafirmando a ancestralidade originária e capacidade de diálogo com o mundo não indígena. Os versos da oração mobilizam geografia sagrada que conecta pajé, ancestrais, encantados e a força da caatinga, performando o território como espaço relacional habitado por agências múltiplas — humanas e mais-que-humanas — que devem ser reconhecidas e cuidadas. A gravação do álbum Potiguara Mendonça



Nhe'engasaba pelo Grupo Itamaraká — que executa canções do Toré em tupi — ilustra o papel da música como ferramenta política e de fortalecimento étnico e transmissão intergeracional de conhecimentos. As canções veiculadas no Toré apresentam temáticas significativas para a afirmação identitária — território, práticas culturais, natureza, encantados e luta política — e operam como instrumentos de retomada linguística e cosmológica. Apesar da crescente produção etnográfica sobre os povos indígenas do Nordeste, ainda são escassos os trabalhos que articulam sistematicamente as dimensões musicais, linguísticas e cosmopolíticas das retomadas no Rio Grande do Norte. Este painel temático busca contribuir para o preenchimento dessa lacuna, dialogando com pesquisas que abordem as práticas musicais e rituais como dispositivos de territorialização, fortalecimento étnico e produção de cosmopolíticas.

Palavras-chave: Toré, Grupo Itamaraká, Cosmopolítica, Retomada linguística.



Referências

- CARVALHO, Maria Rosário de; REESINK, Edwin. 2018. **Uma etnologia no Nordeste brasileiro**: balanço parcial sobre territorialidades e identificações. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, v. 87, p. 71–104.
- DE LA CADENA, Marisol. 2020. **Cosmopolítica indígena nos Andes**: reflexões conceituais para além da "política". Maloca: Revista de Estudos Indígenas, Campinas, v. 2, p. e019011.
- DURAZZO, Leandro; SEGATA, Jean. 2020. **Intercosmologias**: humanos e outros mais que humanos no Nordeste indígena. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 14, p. 185-198.
- DURAZZO, Leandro Marques. 2024. **Cosmopolíticas Tuxá**: ciência, ritual e educação a partir da autodemarcação de Dzorobabé. Natal: EDUFRN.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. 2005. **As múltiplas incertezas do toré**. In: GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo (Org.). Toré: regime encantado do índio do Nordeste. Recife: Massangana, p. 13-38.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. 1998. **Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais**. Mana, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 47-77.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. 1999. **Cidadania, Racismo e Pluralismo**: a presença das sociedades indígenas na organização do Estado-Nacional brasileiro. In: Ensaios em Antropologia Histórica. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p. 192-208.
- STENGERS, Isabelle. 2018. **A proposição cosmopolítica**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 69, p. 442-464.
- TSING, Anna Lowenhaupt. 2019. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: Mil Folhas.
- VIEIRA, José Glebson. **A poética política do toré**: cantos, encantados e ancestralidade nas práticas rituais dos Potiguara. In: GIBRAM, Paola Andrade; KLEIN, Tatiane Maíra; PACKER, Ian (org.). Poéticas e políticas indígenas. Florianópolis: Editora Insular, 2026, p. 167-191.



VIEIRA, José Glebson. 2024. **Corporalidade, práticas rituais e cosmopolítica dos Potiguara da Paraíba**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 116-149.

VIEIRA, José Glebson. 2021. **Transformações, história e cultura na etnologia dos povos indígenas do Nordeste**. In: LARA, Ernenek Mejía; CARVALHO, Maria Rosário de; ANDRADE, Ugo Maia (orgs.). Por uma etnologia transversa: cosmopolíticas no Nordeste, Leste e Amazônia indígenas. São Cristóvão: Editora da UFS, p. 209-236.